

A CORRUPÇÃO NO BRASIL

Uma questão coletiva e privada na UTI

Ana Negrello

Junho de 2017

Resumo

O Brasil como paciente: o Brasil está manchado pela corrupção, e assim estão os brasileiros, obrigados a vivenciá-la de formas variadas, no dia a dia. Este artigo busca refletir acerca possíveis causas psicológicas deste fenômeno, na perspectiva da psicologia analítica. Busca também refletir a respeito do papel da terapia: qual o seu alcance e como pode contribuir para a mudança desse quadro? Como tratar de um paciente que nunca compareceu nem comparecerá às sessões de terapia?

Palavras-chaves: Jung, psicologia analítica, complexos culturais, política, corrupção

Abstract

Brazil as a patient: Brazil is tainted by corruption, and so are the Brazilians, forced to experience it in various forms, on a daily basis. This article reflects about possible psychological causes of this phenomenon, in terms of analytical psychology. It also reflects about the role of therapy: what's your reach and how it can contribute to the change in the table? How to treat a patient who never attended or will attend the sessions of therapy?

Key-words: Jung, analytical psychology, cultural complexes; politics, corruption

1 Introdução

A percepção de que a corrupção, especialmente na política, é endêmica e generalizada é muito forte e acentuada nos dias atuais. A cada dia, novos escândalos surgem, numa velocidade tal que torna difícil, ao cidadão comum, acompanhar o seu desenrolar. Essa sensação, mais do que uma percepção subjetiva, é confirmada por organizações internacionais tais como a *Transparency International*, uma organização internacional, com objetivo de monitorar e ajudar a diminuir a corrupção no mundo que define a corrupção:

Corrupção é o abuso de poder conferido para ganho privado. Pode ser classificado de grande monta, pequena monta ou político, dependendo da quantidade de dinheiro perdido e do setor em que acontece (TRANSPARENCY INTERNATIONAL, 2017)

Essa organização realizou um estudo em que mostra que não existe nenhum país livre da corrupção. E criou um indicador (*IPC - Corruption Perceptions Index*), que reflete o nível de corrupção percebido no setor público ao redor do mundo. No relatório de 2016, o Brasil ocupa 79º lugar num ranking de 168 países. Esse relatório mostra também que houve uma deterioração, ou seja, um aumento da corrupção no Brasil nos últimos anos.

Esse índice, o IPC, deve ser analisado com cuidado, pois não mede diretamente a corrupção, mas a sua percepção pelos cidadãos, a partir de valores morais previamente definidos:

Corrupção é o abuso de poder conferido para ganho privado. Pode ser classificado de grande monta, pequena monta ou político, dependendo da quantidade de dinheiro perdido e do setor em que acontece (FILGUEIRAS, 2009)

A corrupção não é um fenômeno exclusivamente brasileiro. Ela existe e está presente no mundo todo, desde a antiguidade. Mas nunca esteve tão visível, em todos os níveis, como está hoje no Brasil. Ela faz parte da realidade brasileira, desde o período colonial. Afeta a todos, de forma muito concreta e cruel e os danos causados por ela podem ser mensurados objetivamente.

Somos, sim, um país onde a corrupção, pública e privada, é detectada somente quando chega a milhões de dólares e porque um irmão, um genro, um jornalista ou alguém botou a boca no trombone, não por um processo sistemático de auditoria (KANITZ, 1999)

Ao se pesquisar trabalhos sobre corrupção, percebe-se que está comumente associada aos homens públicos, que usam o poder para obter benefícios ilegítimos. No entanto, ela não acontece apenas na máquina pública, ela está entranhada nas ações comuns vividas no cotidiano por muitos brasileiros. Quando não assumem papel ativo, corrompendo ou sendo corrompido, sobram-lhes o papel da conivência, daquele que fecha os olhos e faz de conta que ela não existe, que faz parte da vida. É um aspecto cultural, diz o senso comum ou que é culpa de impunidade, dizem outros.

Essa tolerância se evidenciou em estudo realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 2008:

A tolerância à corrupção não é um desvio de caráter do brasileiro, uma propensão e culto à imoralidade, nem mesmo uma situação de cordialidade, mas uma disposição prática nascida de uma cultura em que as preferências estão circunscritas a um contexto de necessidades, representando uma estratégia de sobrevivência que ocorre pela questão material. A tolerância à corrupção não é uma imoralidade do brasileiro, mas uma situação prática pertencente ao cotidiano das sociedades capitalistas. A confrontação entre excelência e cotidiano cria uma antinomia entre valores e prática, tornando a corrupção um tipo de estratégia de sobrevivência, mesmo em um contexto onde a moralidade existe. (FILGUEIRAS, 2009)

Então, o mesmo cidadão que condena os corruptos, é capaz de cometer delitos em nome de sua sobrevivência, sem que perca o sono por isso. É como se todo brasileiro apresentasse uma “dupla personalidade”, onde o cidadão religioso, trabalhador, criativo, desse lugar a um lado mais malandro, esperto, quando a situação lhe é favorável.

Os últimos eventos mundiais, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, organizados e sediados pelo Brasil, são exemplos claros dessa “dupla personalidade” tão característica, em ação: de um lado, a capacidade de executar e proporcionar dois eventos grandiosos, festivos, bem organizados, sem incidentes com segurança. Mas aos poucos, acabados os eventos, os desvios e superfaturamentos nas obras relacionadas a eles vão se tornando conhecidas e ocupam as manchetes nos jornais.

E ninguém personifica melhor essa capacidade, essa malandragem, do que o político brasileiro. Ele é aquele que é capaz de afagar e beijar uma criança no período pré-eleitoral, e depois, desviar verba de hospitais e merendas escolares para uso próprio. E diferentemente do que acontece em outros países, quando descoberto, não assume o erro, nem pede desculpas, mas coloca-se no papel de injustiçado, de caluniado. O político brasileiro é uma representação sublime do complexo que Jung define por *Trickster*, o malandro, o trapaceiro. O político brasileiro pode ser visto como a personificação do *Trickster*, o que não exime a responsabilidade de cada cidadão brasileiro no estado de coisas:

Uma personificação coletiva como o “trickster” é produto de uma soma de casos individuais, podendo ser reconhecido pelos indivíduos isoladamente. (JUNG, 2011, OC 9/1, § 468)

Isso significa que existe uma parcela individual de responsabilidade, referente a corrupção, que é negligenciada pela maioria dos brasileiros. Apontam-se culpados, e eles sempre são “os outros, os políticos”, “eles”. Nunca “nós” ou “eu”.

A dicotomia citada indica a presença de uma questão coletiva e inconsciente, atuando na sociedade brasileira. Quando se afirma que “os outros” é que são corruptos, o brasileiro, o cidadão, submerge frente à coletividade e retira de si mesmo qualquer responsabilidade sobre a realidade que se materializa, colocando-se como vítima ou expectador. É a sombra coletiva, psicopática e desmedida, se manifestando na sociedade:

Quando as pessoas se reúnem em massa na qual o indivíduo submerge, essa sombra é mobilizada e – como demonstra a história – pode ser personificada ou encarnada. (JUNG, 2011, OC 9/1, §478)

Nessa perspectiva, cada paciente que adentra a sala do terapeuta, não fala apenas de si, mas aponta para questões da alma brasileira, que são vivenciadas de forma coletiva, como a corrupção, a violência, o desemprego. É o Brasil que se encontra em terapia, embora ele mesmo nunca compareça pessoalmente às sessões. É o Brasil, como nação, que precisa de terapia.

Bem estar (...), não é apenas um problema social e econômico, é predominantemente um problema psicológico. (HILLMAN, 2006)

A corrupção pode assim, ser considerada um problema psicológico do Brasil, apontando para aspectos de sua alma, que precisam de atenção, que não foram tratados em profundidade pela sociedade brasileira. A alma brasileira, esse caráter nacional compartilhado, mas não único, listrado, mestiço, está em sofrimento.

A alma que não é cuidada, tanto na vida pessoal como na vida em comunidade, se transforma em uma criança zangada. Toma de assalto a cidade que a despersonalizou, com uma raiva impessoal, violência contra vitrines de lojas monumentos em parques, edifícios públicos, que ficam em estado de insensibilidade. (HILLMAN, 2006, p. 26)

Nas metrópoles brasileiras, um exemplo dessa raiva se manifestando está nas ações de vandalismo generalizado ao patrimônio público: estações de trens, de ônibus, orelhões, lixeiras, são destruídos diariamente e causam prejuízos a usuários e aos cofres públicos. E comumente, os mais penalizados com essa raiva são os próprios usuários desses bens, os que mais precisam deles. A corrupção, cuja manifestação é mais velada, acontece às escondidas, destrói não apenas coisas, mas vidas, pode ser vista como essa alma sem cuidado, clamando por atenção.

Os métodos convencionais para controle da corrupção passam pelo estabelecimento de um rígido controle legal e pela implementação de mecanismos que suportem o acompanhamento da máquina pública, de forma transparente, pela sociedade. Privilegia-se o controle, a auditoria e a punição como possíveis saídas. Está se tentando implantar esse modelo, de controle e punição, no Brasil. Isto é uma novidade, garantir a aplicação das leis, que já existem, especialmente quando os réus, agentes do governo, desfrutam de poder político e há indícios de corrupção dentro do próprio Judiciário.

Porém, considerando-se que a corrupção seja um problema psicológico coletivo, o método de combate à corrupção deve ser outro. Entender as causas raízes do sofrimento, fruto das forças presentes no inconsciente brasileiro, é necessário, mas não suficiente.

A questão premente então é referente a abordagem de tratamento: como tratar do paciente, o Brasil, se ele nunca virá para a terapia? A concepção tradicional, é de que se o mundo exterior está doente, é porque o indivíduo está doente. Basta então tratar dos cidadãos brasileiros para se tratar do Brasil. Todos em terapia: políticos, estudantes, donas de casa, corruptos e corruptores e o Brasil melhorará.

Outra questão que se coloca é a necessidade de se refletir acerca do alcance do trabalho terapêutico individual, qual o seu impacto na transformação da coletividade, o quanto se consegue, através dele, transformar a consciência coletiva do Brasil? E talvez, o mais delicado, como tratar da questão política no consultório.

Esse trabalho quer contribuir para a reflexão do terapeuta, que é atravessado por esse sintoma, vai lidar com o assunto, na clínica, de forma que possa se posicionar de forma mais consciente, diante deste assunto.

2 O Brasil como paciente

Se o Brasil se encarnasse numa única pessoa, e aparecesse para uma sessão de terapia, sua figura, de cara, não faria feio. O Brasil é um país bonito, natureza

pródiga, comidas variadas, riquezas minerais, gentil, criativo. Sua pele é listrada, fruto das diversas raças que o compõem. Receptivo, acolhe pessoas de diferentes origens. Sua persona é bela, agrada a todos. Sua Constituição é exemplar, em vários sentidos, garantindo direitos e deveres iguais a todos os cidadãos.

Na prática do dia a dia, porém, percebe-se que o Brasil não trata todos os filhos da mesma forma, privilegia alguns em detrimento de outros. Para alguns, tudo; para outros, nada. Dissimulado, esperto. Não gosta de brigar, participa de missões de paz na ONU. Mas sofre e faz sofrer. E cria coisas lindas. É um sentimental, chora por amores, de saudades da terra, pelas crianças sem escolas e doentes sem tratamento. Joga futebol, já foi melhor, mas ainda assim, joga de forma apaixonada. E canta, canta muito bem. Encantador e malandro. E tem um dose de megalomania, o “país do futuro”, “o gigante adormecido”, cujo potencial pouco se concretiza, vive nesse estado de torpor há séculos.

Um olhar mais atento pode perceber que esse Brasil, personificado, tem seus pés tomados pela lama. Uma lama que está tão entranhada em sua constituição, que encobre esses pés, e acaba constituindo a base sobre a qual ele se eleva.

Essa imagem, de um gigante, com pés de barro, remete à interpretação de um sonho do rei Nabocodonosur, feita por Daniel e analisada por Jung. No sonho, o rei vê uma estátua formada por partes de ouro, prata e bronze, e que tem seus pés feitos de uma mistura de barro e ferro. Ela se quebra quando uma pedra atinge seus pés. De acordo com Jung (JUNG, 2011, OC 8/2, §163), Daniel faz uma interpretação correta do sonho do rei, que lhe aponta a necessidade de ser humilde. O rei contudo não dá ouvidos aos conselhos de Daniel, e acaba perdendo tudo o que tinha, inclusive sua sanidade.

O lado positivo dessa imagem é que o Brasil, diferentemente de Nabocodonosur, está olhando para seus pés, tem consciência de sua fragilidade e começa a contactar com uma energia que não pode mais ficar submersa no inconsciente. Aponta porém para o risco que existe caso nada seja efetivamente trabalhado e modificado.

Denise Ramos Ramos (2004, p. 101) entende que uma causa provável para a corrupção é a existência de um forte complexo cultural de inferioridade, com manifestações de baixa autoestima e vergonha se si mesmo, um povo que inconscientemente se sente fraco ou impotente para lutar por seus direitos. Denise Ramos e Thomas Singer (RAMOS, 2004) afirmam que os complexos culturais podem ser vistos como a teoria dos complexos, de Jung, aplicados ao nível cultural da psique e da vida de grupos.

Em outras palavras:

A noção de complexo cultural é uma expansão do conceito original de Jung de complexo afetivo, um núcleo de representações na psique do indivíduo, cimentada por emoção, para conceituar núcleos de conflito na psique social dos povos e grupos sociais, geralmente fruto de traumas em sua história e conflitos identitários. (BOECHAT, 2014, cap. 3)

A queixa deste paciente é clara: diz que quer se livrar dessa sujeira. Então é necessário buscar na história desse paciente, o Brasil, as raízes desse complexo cultural de inferioridade.

Foi o cruzamento entre o pai português, conquistador e a mãe, índia, que constituiu o novo, o primeiro brasileiro, o mameluco. Depois vieram os negros, com sua força física e capacidade para o trabalho, tornaram possível a cultura da cana de açúcar, e também criaram filhos com os índios, mamelucos e portugueses.

Mas esse primeiro brasileiro, filhos de tantos, é filho de ninguém pois não pode viver com o pai, já que nasce mestiço. E não pode viver com os índios, porque seu pai não é indígena, apenas sua mãe. E também não pode ser aceito como negro. Define-se pelo que não é:

O brasilíndio, como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguendade de não índios, de não europeus e não negros, que eles se veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira(RIBEIRO, 2015, p. 99)

Essa ninguendade, esse sentimento inferioridade, de não pertencimento a nenhum grupo, vem sendo experimentado e vivenciado, pelos brasileiros, de forma repetitiva ao longo da história do Brasil, reforçando a crença compartilhada de que tudo que é não é brasileiro, é melhor do que o correspondente nacional. Nelson Rodrigues nomeia esse sentimento, em uma crônica, em 1958, antes da estreia do Brasil na Copa: é o famoso “complexo de vira-latas”.

Como vira-latas se viveram muitos, especialmente os índios e negros que serviram de mão de obra para a Coroa, no seu projeto de colonização, e usados como utensílios. Os índios, cuja população era em torno de 5 milhões de habitantes à época do Descobrimento, segundo as estimativas mais pessimistas, igualava a de Portugal. Foram dizimados, vítimas do trabalho forçado e das doenças adquiridas no contato com o europeu. Os negros, tratados em condições desumanas, foram essenciais no cultivo da cana de açúcar e o Brasil foi o último país das Américas a dar-lhes a carta de alforria.

O Brasil, deu seus primeiros passos sob a égide da escravidão e do genocídio de milhões de pessoas. Embora tenha sido a base de seu desenvolvimento econômico, esse é um aspecto pouco estudado nos currículos escolares. A ênfase é dada aos bandeirantes, que são descritos como heróis, desbravadores do Brasil. Ou seja, existem aspectos, importantes na formação do povo brasileiro, que foram negligenciados, indicando a presença de uma sombra coletiva, que dá origem a patologias individuais e coletivas:

Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós, brasileiros, somos por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram, para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos.(RIBEIRO, 2015, p. 91)

A sombra da escravidão dos negros, do genocídio dos índios, de um lado, remete a uma situação ainda vivenciada por grande parte da parcela da população, de pobreza e falta de acesso ao básico. E de outro, ao poder da elite aristocrática, que se perpetua no poder e que tem acesso a serviços e bens e ao luxo. A sombra

brasileira se fortalece através da existência dessa polaridade, pobres e ricos, negros e brancos. Quem é pobre, quer subir na escala social. E quem é rico, quer proteger a sua posição social. Ter ganhos pessoais, ostentar, é o que importa. Ostentar riqueza é importante, e esse é também um verbo conjugado desde o período Colonial. Isso é explicado muito pela ética herdada dos desbravadores, a ética do aventureiro, que busca os resultados sem se preocupar em criar os meios, deixa pouco espaço à moral do trabalho e à ordem:

Onde permaneça uma forma qualquer de moral do trabalho, dificilmente faltará a ordem e a tranquilidade entre os cidadãos, porque são necessárias, uma e outra, à harmonia dos interesses. O certo é que, entre espanhóis e portugueses, a moral do trabalho representou sempre fruto exótico. Não admira que fossem precárias nessa gente, as ideias de solidariedade (HOLANDA, 2014, p. 45)

De acordo com Holanda (2014), a organização social brasileira não acontece em torno de ideias, mas de famílias, que dominam uma área e que atuam como verdadeiras facções, ditando regras e normas. O apadrinhamento é uma forma de entrar, de fazer parte dessa família e gozar de direitos, que são negados aos estranhos. Os vínculos se estabelecem por interesses, favores e pela obediência. É a força do personalismo, onde o privado tem mais importância que o público. A obediência se opõe à almejada ordem, necessária ao progresso. O trabalho manual é desvalorizado, devendo ser executado por subalternos. O modelo de organização da sociedade, descrito e batizado por Gilberto Freire como “Casa-Grande&Senzala” resiste até hoje.

Desta forma, menos valia, poucas chances legítimas de crescimento, criam a necessidade de uma estratégia de sobrevivência para esse “vira-latas”.

No entanto, nem todos vivenciam esse complexo cultural da mesma forma: alguns tentam resistir; outros, apontarão os culpados, se eximindo de qualquer responsabilidade; e muitos, serão coniventes. Essas diferenças nas vivências pessoais acontecem porque o complexo cultural opera de forma distinta cada cidadão, em função de sua interação com o complexo pessoal de cada um.

Complexos culturais podem ser pensados como que emergindo do inconsciente cultural, à medida em que interage com domínios arquetípicos e pessoais da psique e com a arena do mundo exterior de escolas, comunidades, mídia e todas as outras formas de vida cultural e em grupo. (RAMOS, 2004, p. 4)

Nesse sentido, esse complexo de “vira-latas”, como qualquer complexo, tem aspectos que podemos considerar positivos e outros, negativos, especialmente no que tange a sobrevivência do brasileiro. De um lado, se expressa no seu sentimento de inferioridade, e de outro, na sua criatividade, que é evidente em vários aspectos da vida cotidiana e cultural brasileira. Como exemplo, podemos citar sua musicalidade, a sua capacidade de adaptação e de sobrevivência em condições difíceis, percebida na vida rude do homem do sertão, ou dos desempregados de hoje, que buscam atividades informais para garantir seu ganha-pão. Basta andar pelas ruas para notar a capacidade de trabalho, de realização desses vira-latas, garantindo seu sustento a partir da informalidade.

Mas esse brasileiro, fruto da ninguendade, que não é reconhecido por nenhum pai, certamente tem mãe e o Brasil é regido pelo arquétipo feminino, matriarcal. A musicalidade, a criatividade, emotividade, a natureza, a força da agricultura na economia, a própria miscigenação das raças são expressões desse arquétipo no Brasil. Assim como a frouxidão na aplicação das leis, que existem, mas pouco valem na prática e o famoso "jeitinho brasileiro".

Byigton ressalta a influência do arquétipo Matriarcal na formação da identidade brasileira:

[. . .] o Arquétipo Matriarcal, o arquétipo da sensualidade, que nos permite uma relação com o Arquétipo Patriarcal, o arquétipo da organização, diferente daquela que existe no primeiro mundo. Apesar de muito ferido pela dizimação das culturas indígenas e pela escravidão das culturas negras, o Arquétipo Matriarcal rege, exuberantemente, nossas vivências, e se expressa, entre outras vias, pela miscigenação que reúne nossas diferentes etnias e nossas ricas tradições populares.(BYINGTON, 1998)

Um arquétipo Materno tão forte e atuante no Brasil sugere, por sua própria essência, a existência de filhos. Esse arquétipo está na base dos complexos culturais manifestados na nossa cultura. Todos buscam a proteção da grande mãe, de diferentes formas:

A Grande Mãe constela no caráter nacional a figura do menino dependente, aquele que não quer crescer, que se torna dependente das benesses da Grande-Mãe Estado protetor, com nomeação por apadrinhamento e não por merecimento. Essa é uma das sombras importantes da alma brasileira, o arquétipo do puer aeternus, eternamente dependente de sua Mãe-Estado protetor (BOECHAT, 2014, pg 81)

Alguns, se colocam como crianças, nascidas em berços esplêndidos, incapazes de se auto nutrir, querem viver às custas de riquezas geradas por seus pais. Outros, por terem sido maltratados, passarão gerações esperando uma indenização, na forma de doações, as grandes vítimas, incapazes de tomar nas mãos o próprio destino. Embora legítima essa reivindicação, ela não é usada como força motriz para mudanças e se dissipa.

Assim, quando dizemos que o Brasil é um país corrupto, estamos dizendo que cada brasileiro é, em maior ou menor grau, atravessado por essa força, que vem dos complexos culturais, e vai responder a ela de maneira pessoal, dependendo da interação dos complexos culturais com os complexos pessoais de cada um. Ou seja, todo brasileiro é um pouco corrupto, um pouco vira-latas, um pouco criança, um pouco

o malandro . Não apenas os pés do Brasil estão sujos pela lama da corrupção, mas os pés de cada brasileiro. Somos um bando de vira-latas, sujos de lama, formando esse Brasil.

O que acontece é que nas vivências particulares, seremos vários: ou o vira-latas que sabe se virar para não morrer de fome; ou o malandro, que rouba sorrindo; ou a criança que chora no colo de sua mãe, querendo que tudo mude ou que aquela desejando que tudo fique como está. Ou uma mistura de tudo isso.

3 Um diagnóstico

Temos um paciente em sofrimento explícito. O rompimento de uma barragem de minério de ferro, em Minas Gerais, cobrindo os rios, a mata, as casas e as pessoas com lama remete ao sonho de Nabocodonodur se concretizando nos dias: a falta de zelo consigo mesmo, faz com que um corpo de ouro e ferro desmorone, pois a base, feita de barro, não suporta esse peso. E tal como Jung interpretou, é o inconsciente negligenciado, em especial as sombras, provocando estragos à vida.

Muitos vira-latas sujos de lama. E a limpeza não é tarefa fácil: a atuação de um arquétipo Matriarcal fortemente constelado junto de um Patriarcal patológico, favorece a perpetuação do arquétipo do *puer*, a eterna criança, que de certa forma, se equivale a imagem do vira-latas, que brinca no meio da sujeira. Há muito de *puer* nesse vira-latas.

As resistências às mudanças são enormes. E as medidas que estão sendo tomadas, auditorias e aplicação de leis, são necessárias. Equivale ao estabelecimento de um modelo de tratamento, baseado em punição e recompensa. Além da vigia constante do comportamento. Mas considerando as profundas raízes desse problema, talvez não seja suficiente.

Mesmo considerando a dimensão do inconsciente, ainda há limitações. Jung, na sua idéia de individuação sugere que esse vira-latas, que somos nós , brasileiros, tocados pelo movimento ético, resultante desse processo, seja capaz de tomar uma decisão consciente e decida, a partir dessa ética interior, se quer voltar a se sujar ou não. Mas será suficiente para uma transformação na consciência coletiva?

[. . .] ao privilegiar o Processo de Individuação em detrimento do desenvolvimento da dimensão coletiva, o referencial Junguiano ficou impossibilitado de descrever de forma igualitária e paralela a polaridade indivíduo-sociedade, bem como de embasar arquetipicamente em uma dimensão comum as polaridades interno-externo, Ciências Humanas-Ciências da Natureza e Psicologia- Antropologia. (BYINGTON, 1998)

Lendo-se os noticiários , percebe-se que muitos apoiam a volta de um regime militar. Intuitivamente, o que querem é a atuação , o fortalecimento do arquétipo Patriarcal, que no Brasil, é bastante fragilizado. O risco, quando se clama por esse tipo de mudança é que ocorra o fenômeno da enatidromia, termo definido por Jung, para

descrever a dinâmica da psique, em que um extremo psicológico na consciência dá lugar a seu oposto. O arquétipo Patriarcal constelado no seu oposto, tenderia a um estado de autoritarismo, ou a uma ditadura.

Diante de tamanhos riscos, se faz necessário um trabalho intenso, colocar o Brasil numa UTI e identificar outros caminhos de tratamento.

4 O Brasil na UTI

Estudiosos e importantes psicólogos pós-junguianos, têm se debruçado sobre os conceitos introduzidos por Jung e expandido sua visão, de forma a abarcar a cultura e movimento dialético que precisa existir entre aspectos psicológicos individuais e coletivos. Nessas reflexões, o coletivo deixa de ser um cenário passivo, aonde os dramas pessoais acontecem, e se tornam parceiros atuantes do processo de individuação das pessoas.

Nesse contexto, para tratar do Brasil, cabe e faz sentido perceber o Brasil como uma entidade que é maior que a somatória das individualidades e dá suporte a expressão de todas elas

James Hillman é um desses pensadores junguianos contemporâneos, que entendem que não apenas as pessoas, mas tudo têm alma. Ele recupera a ideia de *Anima Mundi*, a alma do mundo e desta forma, o mundo se torna paciente. Na avaliação da corrupção feita até agora, neste artigo, essa perspectiva foi adotada desde o início, de forma intuitiva e natural, a partir do momento, em que o Brasil é visto como uma pessoa que adentra o consultório. As imagens se impuseram enquanto o artigo era descrito e elas falam por si. A imagem de cachorros vira-latas, sujos de lama, surge desse exercício de imaginação e ela remete a sujeira. O Brasil quer se livrar da sujeira. Hillman, na sua proposição da psicologia arquetípica, entende que é necessário buscar a beleza. A cura do Brasil então passaria pelo cultivo da alma e do belo. O processo de cura da corrupção passa então por deixar o belo aflorar e se desenvolver, lembrando que a beleza neste caso, não se refere a julgamentos estéticos, sujeita a classificação pelo observador, mas em perceber a inteligência e beleza manifesta em tudo o que existe, a Beleza em si. E como forma de conseguir isso, usar a inteligência do coração, que é diferente da provida pelo intelecto. E coração, o brasileiro tem, herança do arquétipo matriarcal. O mesmo arquétipo ao qual o eterno *puer* está fixado, patologicamente, pode fornecer o coração, capaz de perceber a beleza das coisas, do Brasil, dos brasileiros e assim, lhes proporcionar melhor qualidade de vida. "A melhora da qualidade de vida depende da restauração de uma linguagem que preste atenção às qualidades da vida."(HILLMAN, 2010, p. 102).

Andrew Samuels, outro estudioso, pós-junguiano, critica esse ponto de vista, dizendo que ele acaba com a psicoterapia, já que tudo o que acontece, " os aspectos sociais e materiais do nosso mundo e os sofrimentos que eles provocam, são, portanto, apenas fenômenos secundários ".(SAMUELS, 2002, p. 26)

Para ele , social e psicológico são coisas distintas e é necessário estabelecer uma relação dialética entre eles, e ao invés de falar com o coração, criar uma linguagem híbrida. Para ele, as pessoas são resultados de sua vida individual, mas também de sua época e cultura na qual estão inseridos. Propõe então a existência de uma dimensão política no Self, uma dimensão política na psique e portanto, uma dimensão

a mais a ser considerada no processo de individuação da pessoa/cidadão:

A política transformadora é também uma forma profunda de auto expressão, talvez em nível espiritual, e exige um novo entendimento da ação social como parte da individuação do cidadão (ou em falta de compromisso com a ação social como limitação da individuação) .(SAMUELS, 2002, p. 213)

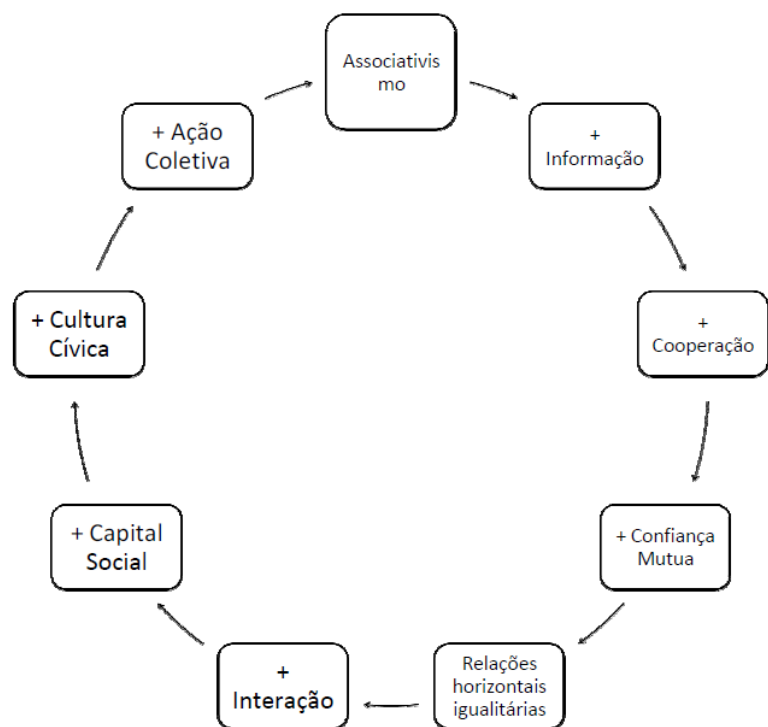
Essa visão de individuação tira o indivíduo de seu um distanciamento frente ao coletivo, que é natural que surja no decorrer do processo e proporciona à pessoa, agora alçada à posição de cidadão, a possibilidade de dialogar de forma mais atuante no meio em que está inserido, contribuindo para modificá-lo.

Assim visto, a possibilidade de tratamento para esse paciente, o Brasil, passa pela ação no coletivo. Este aspecto, o poder da ação social, que pode ser pensando como uma ação coletiva em prol do interesse público, tem sido alvo de estudos de outras disciplinas. Ou seja, o questionamento dos limites entre individual e coletivo não é um tema de interesse exclusivo da psicologia. José V. Lemes Gomes, doutor em Ciências Sociais pela UFJF, ressalta a importância do engajamento como forma de resolver problemas como a corrupção:

Fundamentado no referencial teórico da Teoria da Cultura Política compreendemos a disposição para o engajamento como a causa primária para superação dos dilemas de ação coletiva que propiciam o comportamento cívico frente à corrupção. Nesses termos, o círculo virtuoso, de Putnam, segundo o qual a prática associativa leva a mais capital social, que reforça o próprio associativismo é o modelo de dinâmica das relações sociais da qual o Brasil carece, para vir a ter uma população mais ativa a favor do interesse público, o que inclui o combate à corrupção. (GOMES, 2014)

O círculo virtuoso de Putnam está representad a seguir:

Figura 1 – Circulo Virtuoso de Putnam ((GOMES, 2014)



(Gomes, José Vitor Lemes, 2014)

Essa análise, embora não psicológica, passa pelo indivíduo, por uma decisão pessoal, a do engajamento e de estar consciente da dimensão política de sua forma de atuação no coletivo. Quando as pessoas se associam, trocam informações, a confiança mútua e cooperação aumentam, contribuindo para o estabelecimento de relações mais igualitárias. As interações ficam mais ricas e crescem, contribuindo para aumento do capital social e da cultura cívica e retroalimentando o círculo. Desta forma, há um balanceamento de forças, que migra da Anima Mundi, valorizado na visão de Hillman, para a ação pessoal junto ao coletivo.

Tomando emprestada a ideia de Andrew Samuels, de dimensão política na psique, esse tipo de engajamento é um fator que vai atuar no processo de individuação do cidadão.

Outro psicólogo pós-junguiano, no entanto, radicaliza ainda mais e troca a alma pelo pensamento. Para Wolfgang Giegerich, o indivíduo faz parte de um contexto histórico e cultural, e vai ser transformado por ele, à medida que o entende, que o analisa, o entende, de forma lógica, estruturada:

O processo de individuação é um processo que se desdobra na lógica da alma. E ele ocorre não para a pessoa individual, mas para a “Menschheit in der Person”, ao conceito ou definição de homem. E é por isso que em uma realidade empírica de toda a vida, se alguém desejar dar uma breve olhada do processo de individuação em andamento, tem-se que olhar o que está acontecendo na cultura livremente, não no consultório e em um longo período, não durante a vida curta de um indivíduo. Esse processo é maior do que nós. Nós, como indivíduos, podemos no

máximo, mas inevitavelmente também teremos que, participar dele de um modo ou de outro. O laboratório alquímico no qual o Self é realizado é a história, não sou eu como pessoa, não é a minha análise como processo, não é o consultório como local. Para o indivíduo empírico (propriamente entendido), o processo de individuação – precisamente porque é um processo lógico e cultural – transcorre junto com a sua desidentificação ou distinção do arquétipo (de papéis arquetípicos, de ter que representar o Self ou de ser o lugar da sua realização, e, assim, da importância inflada que se expressa, por exemplo, na idéia e no sentimento de que “Eu tenho que realizar o Self”, que a minha análise pessoal é o local do processo de individuação. (GIEGERICH, 2005, p. 171-189)

Nessa linha, podemos pensar, muito resumidamente, que o que está acontecendo no Brasil é que a corrupção, que sempre existiu mas não era escancarada nem punida, agora está exposta, as pessoas estão sendo punidas e isso está afetando todos, de alguma forma. É um momento único na história do Brasil, um fenômeno que se apresenta agora e se constitui na experiência concreta, sobre a qual se pode refletir. Mas apenas isso, não cabe tentar mudar esse fenômeno, somos apenas observadores, cujo processo de individuação corre por conta desse fenômeno. O Brasil e seu momento histórico norteando a individuação das pessoas.

5 Conclusão

O Brasil se encontra num momento histórico singular, que permite que práticas enraizadas há séculos, como a corrupção, possam ser revistas, analisadas, uma vez que estão sendo expostas às claras, como nunca antes nesse país.

As condições, portanto, para uma mudança, existem e as pessoas estão mobilizadas, afetadas pelas notícias, escândalos e as consequências que trazem para a vida diária de qualquer cidadão. Os partidos políticos se articulam, buscando escapar dos processos jurídicos e se eximir de qualquer culpa no estado de coisas. E os eleitores, estes tentam se situar no meio desse caos, assumindo posições apaixonadas em defesa de um grupo ou de outro.

Jung mencionou que existem movimentos políticos que pretendem ser uma psicoterapia em escala maior e podem ter um efeito curativo sobre o indivíduo . Isto é verdade, mas como ele mesmo colocou: ” É sabido que cem pessoas inteligentes juntas formam uma só cabeça de bagre, logo as virtudes e os talentos são distinções individuais, não são características do homem genérico.“ (JUNG, 2011, OC 16/1, § 4)

Então, a psicoterapia pode contribuir para que esse cidadão reflita e assuma suas responsabilidades diante de tanta efervescência e é o que ela tem feito desde que surgiu.

Porém, fornecer terapia ao Brasil, parece tarefa hercúlea, embora se possa contribuir para o desenvolvimento de uma maior consciência política, desde que não se deixe a política do lado de fora do consultório, como um assunto tabu. Em tempos de “coxinhas” e “petralhas”, que são termos pejorativos para identificar simpatizantes de partidos políticos rivais, ambos envolvidos em corrupção, isso requer treino e principalmente, uma sólida base ética, que deve nortear desse trabalho desde sempre,

para que as paixões, denotadas nesses termos, sejam identificadas e manuseadas de forma correta. E principalmente, estar atento aos aspectos contratransferenciais que emergirão neste trabalho. Nesse contexto, a visão de Andrew Samuels faz todo sentido:

Ao meu ver, as tarefas dos praticantes de psicologia profunda que procuram se envolver com o político consistem em localizar a enorme energia psíquica que se encontra presentemente retida na auto repulsa coletiva e subjetiva, e tentar liberar esta energia de modo a torna-la disponível para a renovação política.(SAMUELS, 1995, p. 39)

Porém, parece difícil conciliar pontos de vistas antagônicos e extremistas, de forma a esboçar um plano de ação em prol de todos. E isso tem muito a ver com o fato das associações no Brasil se darem mais por interesses que por ideais, como visto anteriormente. Nos dias de hoje, há muitos interesses antagônicos em jogo, e poucos voltados para a criação de melhores condições de vida aos brasileiros.

Porém, há uma energia psíquica disponível, e a abordagem usada para canalizar essa energia disponível, seja através da linguagem do coração, sugerida por Hillman, ou de uma análise do fenômeno, como sugere Giegerich, importa menos que a necessidade de se modificar uma realidade, de forma que todos ganhem. A História já mostrou os estragos que essa energia, quando mal-usada, pode causar. E esse perigo existe no Brasil, especialmente por ser uma nação que recebe bem os ditos “salvadores da Pátria”. Candidatos não faltam para ocupar o papel e o complexo de vira-latas associado ao complexo de puer, facilita o culto a tais figuras.

Mas essa modificação da realidade é tarefa da psicoterapia apenas. A educação e a ética são essenciais nessa tarefa. A história do Brasil é pouco conhecida, atrelada a ponto de vistas tendenciosos, que omitem ou distorcem fatos importantes, que estão na raiz dos complexos culturais que vivenciamos. Essa história precisa ser conhecida pelos brasileiros. A educação formal, nas escolas, precisa ser revista e priorizada, para que esses complexos percam o caráter destrutivo de sua força e para que ela seja canalizada para aspectos mais criativos na consciência.

Então, voltando às questões que motivaram essa pesquisa, a psicoterapia tem sim papel um limitado na mudança dessa realidade, porque são muitos fatores que contribuem para a corrupção. Por outro lado, pode colaborar muito para que essa mudança aconteça. especialmente se olhar para as questões políticas, discutindo-as no consultório, de fato. No começo da psicoterapia, sexo era tabu. Hoje, a política tem um lugar semelhante na vida das pessoas. Aos terapeutas, é necessário, mais do que nunca, além da base ética que norteia a prática da profissão, estar atendo aos aspectos contratransferenciais quando os temas sobre política e corrupção surgem. Em tempos de radicalismos, a autoanálise é imperativa. Especialmente porque a corrupção atravessa todos, e não é difícil encontrar profissionais que cobram preços diferenciados para consultas, dependendo da necessidade de se emitir um recibo fiscal ou não: sim, isso é um ato de corrupção.

A idéia de que mudança no mundo, começa pela mudança do indivíduo, continua mais válida do que nunca.

Referências

- BOECHAT, Walter. Luzes e sombra da alma brasileira: Um país em busca de identidade. In: _____. *A Alma Brasileira - Luzes e Sombra*. 1. ed. [S.l.]: Vozes, 2014. cap. 3.
- BYINGTON, Carlos Amadeu B.. A IDENTIDADE MULTICULTURAL LATINO AMERICANA. *I Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana.*, Punta del Este, 1998.
- FILGUEIRAS, Fernando. A tolerância à corrupção no Brasil: uma antinomia entre normas morais e prática social. *Opinião Pública*, scielo, v. 15, p. 386 – 421, 11 2009. ISSN 0104-6276. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762009000200005&nrm=iso>.
- GIEGERICH, Wolfgang. Jung's thought of the Self in the Light of Its Underlying Experience. In: _____. *The Neurosis of Psychology: Primary papers towards a critical psychology*. New Orleans: Spring Journal Books, 2005. One.
- GOMES, José Vitor Lemes. O Cidadão frente à corrupção: o associativismo é a finte de cultura política e ação coletiva? Brasília, DF, 2014.
- HILLMAN, James. *City & Soul*. 1. ed. Putnam, Conn: Spring Publications, Inc, 2006.
- HILLMAN, James. Anima Mundi: o retorno da alma ao mundo. In: _____. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Campinas: Verus, 2010.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- JUNG, Carl Gustav. *C. J. Jung - Obra Completa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. Tradução de A. Elman, E. Orth, volumes 1-18.
- KANITZ, Stephen. A origem da corrupção . *Veja*, n. 1600, p. 21 –, junho 1999.
- RAMOS, Denise G.. Corruption: symptom of a cultural complex in Brazil? In: _____. *The Cultural Complex: Contemporary jungian perspectives on psyche and society*. 1. ed. [S.l.]: Brunner-Routledge, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.
- SAMUELS, Andrew. *A Psique Política*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

SAMUELS, Andrew. *A política no divã*. São Paulo: Summus, 2002. Tradução Felipe José Lindoso.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. *The Global Anti-Corruption Coalition*. 2017. Disponível em: <www.transparency.org>. Acesso em: 02/05/2017.

Corruption in Brazil: a personal and collective issue in therapy

Ana Negrello

Junho de 2017

Abstract

Brazil as a patient: Brazil is tainted by corruption, and so are the Brazilians, forced to experience it in various forms, on a daily basis. This article reflects about possible psychological causes of this phenomenon, in terms of analytical psychology. It also reflects about the role of therapy: what's your reach and how it can contribute to the change in the table? How to treat a patient who never attended or will attend the sessions of therapy?

Key-words: Jung, analytical psychology, cultural complexes; politics, corruption